

## **Título**

A Comunicação e a Religião na Atualidade: breve análise do Censo Demográfico 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <sup>1</sup>.

David Juglierme Alves NOGUEIRA<sup>2</sup>.

## **RESUMO:**

Este trabalho visa a partir de dados do campo religioso brasileiro, averiguar a partir da análise sociológica da religião, como a secularização, a pós-modernidade, os chamados sem religião, o papel que a religião desempenha na sociedade, perpassando pelos fundamentalismos religiosos e a globalização, podem ser verificados na observação do Censo Demográfico 2000, no Brasil. Os dados relativos ao Censo apontam entre outros fatos, uma evidente e diversificada pluralidade no campo religioso brasileiro. Se por um lado, os dados religiosos do Censo demonstra a histórica maioria católica do país, por outro lado, salienta o declínio que a religião majoritária tem enfrentado nas últimas décadas, paralelamente, o Censo salienta algumas tendências que ganharam ou tem se estabelecido no campo religioso, merece destaque o segmento religioso evangélico (sobretudo de origem pentecostal, de missão e outros evangélicos) pelo seu avanço contínuo em solo brasileiro, ao mesmo tempo, os dados revelam um acréscimo do segmento dos sem religião, os quais, já fincaram espaço de maneira significativa no país. Para isso recorremos a autores da tradição sociológica e pesquisadores sociais, tais como Bauman (1998), Berger (1985), Campos (1997), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), Kepel (1995), Oro; Steil (1997); Pierucci (2004); Souza (2009), Souza; Martino (2004), Vattimo (2004), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Censo; Comunicação; Igreja; Protestantismo; Sociologia da Religião.

---

<sup>1</sup>. Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

<sup>2</sup>. Bacharel em Teologia; Pós-graduado em Psicopedagogia Clínica e Educacional; Pós-graduado em Pedagogia para Docência em Educação Profissional na Saúde; Pós-graduado em Comunicação Empresarial e Institucional; Pós-graduando em Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática; Mestre em Ciências da Religião. E-mail: david350@hotmail.com

A Comunicação e a Religião na Atualidade: breve análise do Censo Demográfico 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <sup>3</sup>.

## 1. Censo 2000

Os dados relativos ao Censo 2000 apontam entre outros fatos, uma evidente e diversificada pluralidade no campo religioso brasileiro. O Censo demonstra que a ‘alfabetização e os grupos de idade’<sup>4</sup> paira pelo menos nos dois maiores grupos religiosos brasileiros, ‘Católica apostólica romana’ (+ de 16%)<sup>5</sup> e ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 18%)<sup>6</sup> e ‘de origem pentecostal’ (+ de 18%)<sup>7</sup> entre as pessoas com faixa etária de 30 a 39 anos. Perfil semelhante de grupo de pessoas reflete também no chamado ‘Sem religião’ (+ 17%)<sup>8</sup>, possui entre 30 a 39 anos. A exceção a esses perfis ocorre no grupo religioso ‘Espírita’ (+ de 23%)<sup>9</sup>, das pessoas alfabetizadas, estão entre 50 anos ou mais.

Ao descrever as pessoas não alfabetizadas, entre as ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 43%)<sup>10</sup> e ‘de origem pentecostal’ (+ de 37%)<sup>11</sup>, como entre os ‘Sem religião’ (+ 33%)<sup>12</sup> e o grupo ‘Espírita’ (+ de 44%)<sup>13</sup> a incidência de pessoas não alfabetizadas é maior entre os indivíduos de 5 a 9 anos, ou seja, um público infantil. A exceção a esses perfis ocorre na ‘Católica apostólica romana’ (+ de 32%)<sup>14</sup>, das pessoas não alfabetizadas possui entre 50 anos ou mais, ou seja, um público mais idoso.

O Censo enumera entre os entrevistados aqueles que ‘Frequentavam creche ou escola’<sup>15</sup>, há um perfil semelhante na maioria dos grupos religiosos, ou seja, as pessoas estão inseridas no grupo entre 10 a 14 anos, o que significa um grupo em transição entre a infância e a adolescência, assim temos: Católica apostólica romana’ (+ de 31%)<sup>16</sup>, ‘Evangélicas’, no

---

<sup>3</sup>. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2000.

<sup>4</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.5 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade, por religião, segundo a alfabetização e os grupos de idade – Brasil.

<sup>5</sup>. Equivale a 16.508.804.

<sup>6</sup>. Equivale a 1.053.315.

<sup>7</sup>. Equivale a 2.452.464.

<sup>8</sup>. Equivale a 1.572.759.

<sup>9</sup>. Equivale a 486.320.

<sup>10</sup>. Equivale a 239.970.

<sup>11</sup>. Equivale a 901.529.

<sup>12</sup>. Equivale a 641.121.

<sup>13</sup>. Equivale a 32.959.

<sup>14</sup>. Equivale a 6.054.773.

<sup>15</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.6 - População residente, por religião, segundo a frequência a creche ou escola e os grupos de idade – Brasil.

<sup>16</sup>. Equivale a 12.177.951.

caso, ‘De missão’ (+ de 25%)<sup>17</sup> e ‘de origem pentecostal’ (+ de 32%)<sup>18</sup>, ‘Sem religião’ (+ 27%)<sup>19</sup>, semelhante perfil é observado entre o grupo denominado ‘Espírita’(+ de 22%)<sup>20</sup>.

Entretanto, ao relatar os indivíduos que ‘Não frequentavam creche ou escola’, há uma incidência de pessoas entre 50 anos ou mais, ou seja, um público mais idoso é o caso da Católica apostólica romana’ (+ de 23%)<sup>21</sup>, ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 25%)<sup>22</sup> e ‘de origem pentecostal’ (+ de 21%)<sup>23</sup>, perfil semelhante ocorre entre o grupo ‘Espírita’(+ de 30%)<sup>24</sup>. A exceção a esses perfis em relação aos que ‘Não frequentavam creche ou escola’ ocorre nos indivíduos ‘Sem religião’ (+ 19%)<sup>25</sup> e nas pessoas ‘Evangélicas’ do grupo ‘Outras evangélicas’ (+ 21%)<sup>26</sup>, ambos possuem maior incidência entre as pessoas de 30 a 39 anos, o que significa um público relativamente jovem.

Ao mencionar sobre ‘Sexo e grupos de anos de estudo’<sup>27</sup>, percebe-se uma predominância de pessoas entre 4 a 7 anos de escolaridade entre a maioria dos grupos religiosos pesquisados, na ‘Católica apostólica romana’ (+ de 31%)<sup>28</sup>, ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 29%)<sup>29</sup> e ‘de origem pentecostal’ (+ de 35%)<sup>30</sup>, aliás, perfil semelhante ocorre entre o grupo denominado ‘Sem religião’ (+ de 32%)<sup>31</sup>. A exceção a esses perfis sobre o ‘Sexo e grupos de anos de estudo’, acontece nas pessoas que se declaram de cunho ‘Espírita’ (+ de 37%)<sup>32</sup>, aqui prevalece indivíduos entre 11 a 14 anos de escolaridade, ou seja, é perceptível um grau maior de escolaridade neste grupo.

Paralelamente, o Censo relata o perfil dos homens e das mulheres presentes nos dados relativos aos anos de estudo. Na predominância de 4 a 7 anos de estudo, temos ‘Católica apostólica romana’ (+ de 32% homens)<sup>33</sup> e (+ de 30% mulheres)<sup>34</sup>, ‘Evangélicas’, no caso,

---

<sup>17</sup>. Equivale a 704.464.

<sup>18</sup>. Equivale a 1.840.257.

<sup>19</sup>. Equivale a 1.020.443.

<sup>20</sup>. Equivale a 144.611.

<sup>21</sup>. Equivale a 20.374.793.

<sup>22</sup>. Equivale a 1.146.010.

<sup>23</sup>. Equivale a 2.615.125.

<sup>24</sup>. Equivale a 502.553.

<sup>25</sup>. Equivale a 1.710.082.

<sup>26</sup>. Equivale a 235.472.

<sup>27</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.7 - Pessoas de 15 anos ou mais de idade, por religião, segundo o sexo e os grupos de anos de estudo – Brasil.

<sup>28</sup>. Equivale a 27.594.867.

<sup>29</sup>. Equivale a 1.448.088.

<sup>30</sup>. Equivale a 4.209.761.

<sup>31</sup>. Equivale a 2.851.799.

<sup>32</sup>. Equivale a 713.403.

<sup>33</sup>. Equivale a 13.903.017.

‘De missão’ (+ de 32% homens)<sup>35</sup> e (+ de 28% mulheres)<sup>36</sup>, “de origem pentecostal’ (+ de 36% homens)<sup>37</sup> e (+ de 34% mulheres)<sup>38</sup>, perfil semelhante ocorre entre o grupo denominado ‘Sem religião’ (+ de 34% homens)<sup>39</sup> e (+ de 32% mulheres)<sup>40</sup>.

A exceção a esses perfis referentes aos anos de estudo, acontece no grupo chamado ‘Espírita’, neste grupo prevalece pessoas entre 11 a 14 anos de estudo, sendo (+ de 37% homens)<sup>41</sup> e (+ de 38% mulheres)<sup>42</sup>.

Em relação à ‘Condição de atividade na semana de referência e grupos de idade’<sup>43</sup>, nota-se um perfil semelhante em todos os grupos entrevistados. O grupo predominante nos indivíduos pesquisados registra aqueles de idade entre ‘30 a 39 anos’, grupo este com maior quantidade de indivíduos nos segmentos a que pertencem, ou seja, são teoricamente pessoas com o poder econômico dentro dos grupos que participam. Em relação à ‘Economicamente ativas’, o grupo entre 30 a 39 anos temos: ‘Católica apostólica romana’ (+ de 25%)<sup>44</sup> e ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 26%)<sup>45</sup>, ‘de origem pentecostal’ (+ de 26%)<sup>46</sup>, perfil idêntico ocorre entre o grupo denominado ‘Sem religião’ (+ de 24%)<sup>47</sup> e no grupo ‘Espírita’ (+ de 29%)<sup>48</sup>.

Ao apresentar o perfil dos chamados ‘Não economicamente ativas’, com predominância para os indivíduos entre 10 a 14 anos, ou seja, um público tipicamente na fase da adolescência, essa incidência ocorre em todos os grupos pesquisados pelo Censo. Temos ‘Católica apostólica romana’ (+ de 26%)<sup>49</sup> e ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 27%)<sup>50</sup>, ‘de origem pentecostal’ (+ de 27%)<sup>51</sup>, perfil similar ocorre entre os ‘Sem religião’ (+ de 28%)<sup>52</sup> e ‘Espírita’ (+ de 18%)<sup>53</sup>.

---

<sup>34</sup>. Equivale a 13.691.850.

<sup>35</sup>. Equivale a 631.658.

<sup>36</sup>. Equivale a 816.430.

<sup>37</sup>. Equivale a 1.776.417.

<sup>38</sup>. Equivale a 2.433.344.

<sup>39</sup>. Equivale a 1.853.445.

<sup>40</sup>. Equivale a 998.354.

<sup>41</sup>. Equivale a 272.551.

<sup>42</sup>. Equivale a 44.851.

<sup>43</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.8 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por religião, segundo a condição de atividade na semana de referência e os grupos de idade – Brasil.

<sup>44</sup>. Equivale a 14.421.899.

<sup>45</sup>. Equivale a 861.949.

<sup>46</sup>. Equivale a 1.911.741.

<sup>47</sup>. Equivale a 1.486.726.

<sup>48</sup>. Equivale a 364.393.

<sup>49</sup>. Equivale a 11.606.454.

<sup>50</sup>. Equivale a 667.723.

Os dados apontam em relação à ‘Sexo e posição na ocupação no trabalho principal’<sup>54</sup>, um quadro semelhante em todos os grupos pesquisados, a posição predominante na ocupação no trabalho é a de ‘Empregados’, ou seja, é uma religiosidade que nasce ou se modifica com e através do próprio povo. O grupo e o perfil de homens e mulheres inseridos na categoria ‘Empregados’ são assim descritos. ‘Católica apostólica romana’ possui (+ de 61% homens)<sup>55</sup> e (+ de 73% mulheres)<sup>56</sup>, ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 60% homens)<sup>57</sup> e (+ de 70% mulheres)<sup>58</sup>, ‘de origem pentecostal’ (+ de 65% homens)<sup>59</sup> e (+ de 74% mulheres)<sup>60</sup>, perfil idêntico acontece entre o grupo denominado ‘Sem religião’ (+ de 67% homens)<sup>61</sup> e (+ de 79% mulheres)<sup>62</sup> e ‘Espírita’ (+ de 63% homens)<sup>63</sup> e (+ de 73% mulheres)<sup>64</sup>. É perceptível uma incidência maior do público feminino, em relação ao público masculino na ocupação ‘empregados’.

No quadro, ‘Sexo e classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos’<sup>65</sup> (salário mínimo), há um perfil semelhante na maioria dos grupos religiosos, ou seja, a predominância de ‘Mais de 1 a 2’ salários mínimos: ‘Católica apostólica romana’ possui (+ de 24%)<sup>66</sup>, ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 24%)<sup>67</sup> e ‘de origem pentecostal’ (+ 29%)<sup>68</sup>, perfil similar ocorre entre o grupo denominado ‘Sem religião’ (+ de 28%)<sup>69</sup>. A exceção a esses perfis referentes ao ‘Sexo e classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos’ (salário mínimo), acontece nas pessoas que se declaram da religião ‘Espírita’ (+ de 24%)<sup>70</sup>, neste grupo ocorre uma predominância de ‘Mais de 5 a 10’ salários mínimos.

---

<sup>51</sup>. Equivale a 1.769.753.

<sup>52</sup>. Equivale a 1.026.984.

<sup>53</sup>. Equivale a 140.583.

<sup>54</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.9 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo e a posição na ocupação no trabalho principal – Brasil.

<sup>55</sup>. Equivale a 18.931.197.

<sup>56</sup>. Equivale a 13.353.321.

<sup>57</sup>. Equivale a 904.798.

<sup>58</sup>. Equivale a 908.211.

<sup>59</sup>. Equivale a 2.189.906.

<sup>60</sup>. Equivale a 1.872.687.

<sup>61</sup>. Equivale a 2.422.901.

<sup>62</sup>. Equivale a 964.664.

<sup>63</sup>. Equivale a 325.602.

<sup>64</sup>. Equivale a 430.964.

<sup>65</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.10 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo e as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos – Brasil.

<sup>66</sup>. Equivale a 12.263.132.

<sup>67</sup>. Equivale a 677.872.

<sup>68</sup>. Equivale a 1.732.769.

<sup>69</sup>. Equivale a 1.353.363.

<sup>70</sup>. Equivale a 266.043.

Certamente o total de anos dedicados à escolaridade é demonstrado nesses dados, em relação ao rendimento nominal mensal por parte dos integrantes do grupo religioso ‘Espírita’.

Ao descrever as pessoas entrevistadas sobre ‘Sexo e classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos’<sup>71</sup> (salário mínimo), há um perfil semelhante na maioria dos grupos religiosos, ou seja, a predominância de ‘Mais de 1 a 2’ salários mínimos: ‘Católica apostólica romana’ (+ de 24% homens)<sup>72</sup> e (+ de 26% mulheres)<sup>73</sup>, ‘Evangélicas’, no caso, ‘De missão’ (+ de 21% homens)<sup>74</sup> e (+ de 27% mulheres)<sup>75</sup>, ‘de origem pentecostal’ (+ de 27% homens)<sup>76</sup> e (+ de 32% mulheres)<sup>77</sup>, perfil idêntico acontece entre o grupo denominado ‘Sem religião’ (+ de 27% homens)<sup>78</sup> e (+ de 29% mulheres)<sup>79</sup>. A exceção a esses perfis ocorre nas pessoas que se declaram de cunho ‘Espírita’ (+ de 25% homens)<sup>80</sup> e (+ de 23% mulheres)<sup>81</sup>, neste grupo ocorre uma predominância de ‘Mais de 5 a 10’ salários mínimos.

### 1.1 Secularização

Ao observar esse quadro religioso brasileiro, nota-se uma demonstração direta ou indiretamente do efeito da secularização, sobretudo na mudança do papel da religião na sociedade atual. Secularização, segundo Berger é “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p. 119). Essa secularização ocorre quando a religião perde sua autoridade em dois níveis: o nível da consciência humana (dado moral) e o nível institucional (BERGER, 1985).

É interessante destacar que “embora a secularização possa ser vista como um fenômeno global das sociedades modernas, sua distribuição entre elas não é uniforme. Cada grupo da população tem sido atingido de modo diferente” (BERGER, 1985, p. 119).

Nas palavras de Berger,

A crise de credibilidade na religião é uma das formas mais evidentes do efeito da secularização para o homem comum. A secularização acarretou um

---

<sup>71</sup>. IBGE, Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.10 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo e as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos – Brasil.

<sup>72</sup>. Equivale a 7.432.359.

<sup>73</sup>. Equivale a 4.830.773.

<sup>74</sup>. Equivale a 324.350.

<sup>75</sup>. Equivale a 353.522.

<sup>76</sup>. Equivale a 930.652.

<sup>77</sup>. Equivale a 812.117.

<sup>78</sup>. Equivale a 994.880.

<sup>79</sup>. Equivale a 358.484.

<sup>80</sup>. Equivale a 128.577.

<sup>81</sup>. Equivale a 137.466.

amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade (BERGER, 1985, p. 139).

Assim, a pluralidade do campo religioso corrobora “isto quer dizer que a situação pluralista acima descrita *ipso facto* mergulha a religião numa crise de credibilidade” (BERGER, 1985, p. 161). Essa mudança no quadro religioso brasileiro é também reflexo de um processo da sociedade hodierna, que apresenta como uma de suas características fundamentais.

A da ‘individualização’. Isso significa que a religião privatizada é assunto de ‘escolha’ ou ‘preferência’ do indivíduo do núcleo familiar, *ipso facto* carecendo de obrigatoriedade (BERGER, 1985, p. 145).

Na perspectiva de Berger “durante a maior parte da história humana... As instituições religiosas eram, de fato, *instituições* propriamente ditas, isto é, agências reguladoras do pensamento e da ação” (BERGER, 1985, p. 147). Entretanto, com a pós-modernidade esse quadro alterou-se, pois a marca deste processo da pós-modernidade é o indivíduo em constante modificação, além de uma nítida fluidez, mobilidade e imediatismo.

## 1.2 Pós-modernidade

A pós-modernidade é uma faceta de dois sentidos: sou autônomo, mas também sou livre. “Desencadeia-se um processo de desfiliação, em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais” (PIERUCCI, 2004, p. 14). Pós-modernidade é um tempo de liberdade e insegurança (BAUMAN, 1998). É um processo de recomposição de diversos elementos, sejam políticos econômicos, culturais, religiosos, etc.

À secularização tem na ascensão das subjetividades e na perda do poder moral da religião sua força, porém, a pós-modernidade cresce e se solidifica por meio de uma geração que é treinada para o prazer, o bem-estar. Segundo Anthony Giddens (*apud* BERGER, 1985), a característica mais forte da pós-modernidade é a insegurança. Onde a sociedade enxerga o mundo como contingente (EARGLESON *apud* BERGER, 1985).

Na sociedade moderna (pluralista) a definição de realidade dada pelo cosmos sagrado não é mais perceptível para a totalidade da população (BERGER, 1985). Desta forma, o indivíduo lida cada vez mais com a dificuldade de encontrar um cosmos comum.

A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprar’. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições

religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 1985, p. 149).

Por isso, o trânsito religioso pode ser utilizado como instrumento de necessidade imediata ou simplesmente uma escolha de um consumidor que vive em um mundo exacerbado de ofertas e opções religiosas. Ou seja, a

Medida em que o mundo dos consumidores em questão é secularizado, suas preferências refletirão isso. Isto é, eles preferirão produtos religiosos que podem se coadunar com a consciência secularizada aos que não podem (BERGER, 1985, p. 157).

Um mercado de ofertas competitivas exige estruturas que sirva de meio ou apoio ao objetivo de um grupo.

A pressão para obter ‘resultados’ numa situação competitiva acarreta uma racionalização das estruturas socioreligiosas. Encarregados do bem-estar mundano dos vários grupos religiosos precisam fazer com que as estruturas permitam a execução racional da ‘missão’ do grupo (BERGER, 1985, p. 150).

É necessário escolher uma concepção religiosa e de mundo entre tantas ofertas de mercado (BERGER, 1985). Ou mesmo, uma privatização da religião pelo sujeito, onde a própria religião é articulada, composta e executada pelo próprio indivíduo.

Neste ambiente o sujeito recorre ao desenvolvimento de mecanismos de desençaixe (GIDDENS *apud* BERGER, 1985). Ou seja, relações contratuais, fichas simbólicas. Processo este mediado pelas máquinas ou sistemas. Exemplo: são relações que não exige a presença física do sujeito. Isto é, sirvo ao sagrado a minha maneira. Sem precisar de uma instituição ou sujeito (agente religioso) como mediador dessa relação.

Em meio a uma oferta tão diversificada de crenças e de grupos religiosos, vale o que melhor responda às necessidades pessoais dos fiéis (ISTO É *apud* ROSADO-NUNES, 2004, p. 31).

### 1.3 Sem Religião

Porém, um dado transparece no Censo 2000, o crescimento vertiginoso de uma população sem religião:

A par de uma oferta religiosa mais diversificada, estamos vendo formar-se em nossa terra um contingente cada vez mais numeroso de desençaixados de

qualquer religião, desfilados de toda instituição religiosa, desligados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída, e essa é a melhor parte da história. Os sem religião são pessoas que não se submetem a nenhuma autoridade religiosa (PIERUCCI, 2004, p. 17).

De acordo com o Censo 2000, os sem religião<sup>82</sup> são mais de 7,3% da nossa população. “Olhando de outro modo, isso quer dizer que, depois dos católicos e junto com eles, o grupo dos com religião aos poucos começa a diminuir em nosso país, perdendo para os sem religião” (PIERUCCI, 2004, p. 17).

Aliás, é um processo iniciado há alguns anos e que tem se expandido na sociedade brasileira de maneira progressiva, corroborando assim para um novo quadro religioso no país. “Este declínio não é novo; a novidade está na aceleração do processo na última década – de 83,3% para 73,8% em 2000 – e no correspondente aumento de dois grupos, o evangélico e o ‘sem religião’” (BRITO, 2004, p. 40).

É interessante destacar a normalidade com que as pessoas se declaram não pertencer a nenhum grupo religioso, mesmo vivendo em uma sociedade que ainda possui fortes relações religiosas:

Note-se que a novidade não é tanto aumento real do número dos evangélicos ou dos sem religião, mas o aumento das pessoas que não têm mais receio de assumir publicamente tal condição (ANTONIAZZI *apud* BRITO, 2004, p. 40).

O que supõe ser um grupo que inicialmente nasceu e cresceu aos pés de uma base religiosa e agora por não se enquadrar mais nas opções de ofertas religiosas do mercado, nem no padrão da institucionalização, resolve nadar contra a maré ou criar uma forma paralela.

O trânsito religioso não altera a sua matriz religiosa, mas interfere nos seus arredores.

Uma consequência interessante disso [secularização] foi uma tendência para a religião ‘polarizar-se’ entre os setores mais público e mais privado da ordem institucional, especificamente entre as instituições do Estado e da família (BERGER, 1985, p. 141).

Na sociedade moderna, não há uma verdade que será posta acima do indivíduo. A dúvida é um elemento. Aliás, risco e dúvida, são duas palavras utilizadas por Giddens<sup>83</sup> na descrição desta sociedade.

---

<sup>82</sup>. IBGE. Censo Demográfico 2000. Tabela 1.3.1 - População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião – Brasil. Sem religião: 12.492.403.

<sup>83</sup>. LEMOS, Carolina Teles. Aula expositiva 18/06/2013, na PUC-GO, texto não publicado.

A secularização envolve vários aspectos, desde a dessacralização: o estado não é mais sagrado. As instituições reguladoras da vida religiosa não são mais consideradas sagradas. Não é uma eliminação, mas é uma redução. Exemplo: autoridades do governo / autoridades religiosas. Conseqüentemente a redução do peso do sagrado, enquanto regulador da vida.

Não só as pessoas podem optar por uma outra religião, mas podem continuar optando por outras religiões. A opção dessacraliza-se como um ato livre, passando a ser revisável na mesma proporção. Os vínculos tornam-se quase que exclusivamente experimentais (PIERUCCI, 2004, p. 14).

Crenças em particular; a libertação da tutela da religião: é uma laicização (independência institucional) das instituições religiosas. Exemplo: candidato sem a *priori*, o comprometimento religioso; e uma descristianização: exemplificada na diversidade religiosa a escolher. O cristianismo deixa de ser autoridade única. “Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais. Seu destino histórico é declinar, não há escapatória” (PIERUCCI, 2004, p. 14).

O indivíduo pode escolher. Isso gera o chamado campo religioso ou oferta religiosa. Advém assim uma subjetivação das crenças nas tomadas das decisões a divindade não terá (ou exercerá influência) peso. A divindade perde o caráter moral (papel normalizador), nas principais decisões do sujeito. “Qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos” (PIERUCCI, 2004, p. 14).

#### **1.4 O Papel da Religião**

Entretanto, ao nos depararmos com o Censo, logo emerge a pergunta: para que serve a religião neste quadro? Ela fornecerá significado ao sujeito de acordo com as necessidades individuais (BERGER, 1985). Ou seja, temos excessiva religião na questão da individualização e nada de religião na questão da moralidade social.

Para Kolakowski, “a religião, na verdade, é a confiança da insuficiência humana, é vivida na admissão da fraqueza... A mensagem invariável do culto religioso é: ‘do finito ao infinito, a distância é sempre infinita...’” (KOLAKOWSKI *apud* BAUMAN, 1998, p. 209).

Na perspectiva de Prandi, a religião é entendida como uma

Fornecedora de soluções para os que conhecem e experimentam o que de melhor é capaz de fornecer a nossa contemporaneidade construída na razão, na ciência e na tecnologia, que são as grandes promessas que herdamos do século passado, prometidas como fontes do bem-estar geral definitivo (PRANDI, 1997, p. 65).

Assim, a religiosidade é a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender. Para Vattimo a vocação da religião “é fornecer condições para a vida material” (VATTIMO, 2004, p. 53).

A função de salvação é a única função real da religião. Mas, salvação de que? (BRIAN WILSON *apud* LEMOS, 2013) <sup>84</sup>. De uma vida sem sentido. Neste contexto, “a diversidade religiosa explicitamente assumida no Brasil – vide dados do Censo – implica e provoca um processo de dessacralização da instituição religiosa” (ROSADO-NUNES, 2004, p. 24).

Ocorre uma “secularização sim, mas com mobilização religiosa acrescida. Efervescência religiosa sim, mas por causa do aprofundamento da secularização” (PIERUCCI, 2004, p. 21). Vivemos atualmente um período que podemos denominar de bricolagem (SANCHIS, 2011), ou um contínuo ajuntamento de elemento de diferentes tradições.

### 1.5 Fundamentalismos Religiosos

A forma religiosa para esse momento sociocultural é o fundamentalismo (BAUMAN, 1998), entendido aqui no fundamentar suas ações, decisões, práticas em fundamentações religiosas (*apud* LEMOS) <sup>85</sup>. Ou seja, o indivíduo procura uma fundamentação religiosa para justificar suas ações. Assim, tudo que não é religioso é ruim.

Para Bauman,

O fundamentalismo é um fenômeno inteiramente contemporâneo e pós-moderno, que adota totalmente as reformas racionalizadoras e os desenvolvimentos tecnológicos da modernidade, tentando não tanto fazer recuar os desvios modernos quanto os ter e devorar ao mesmo tempo (BAUMAN, 1998, p. 226).

Fundamentalismo é “uma forma de contraposição da dinâmica característica da sociedade” (LEMOS, 2013). Por isso,

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha. Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade indubitavelmente *suprema*, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e

---

<sup>84</sup>. LEMOS, Carolina Teles. Aula expositiva 18/06/2013, na PUC-GO, texto não publicado.

<sup>85</sup>. LEMOS, Carolina Teles. Aula expositiva 18/06/2013, na PUC-GO, texto não publicado.

sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco (BAUMAN, 1998, p. 229).

Nesta situação, “o fundamentalismo é um remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e pós-moderna” (BAUMAN, 1998, p. 229).

## 1.6 Globalização

Segundo Pace (1997), a globalização pode ser entendida no subjetivo-objetivo; dominação libertação. Entretanto, surgem alguns obstáculos, os quais ele denomina ‘nós’ da rede conceitual. O nó “pode ser especificado então na perda de identidade ou na tendência ao desenraizamento” (LANTOUCHE *apud* PACE, 1997, p. 27). Além disto, está constituída “pela tendência à crença no relativo” (PACE, 1997, p. 29). Aliás, descrita por Geertz ao falar da cultura como “mecanismo de controle” (GEERTZ *apud* PACE, 1997, p. 29).

Desse modo, a globalização parece, portanto, favorecer o desenraizamento. A relação religião e indivíduos na globalização podem ser resumidos a meros encostar-se ou tocar-se (PACE, 1997).

Na perspectiva da globalização o que menos pesa é a oferta de religiões, pois as pessoas já não participam, por isso, as crenças e as práticas, aspectos fundamentais da religião já não são tão enfatizados ou propagados como importantes ou necessários.

Entretanto, visando superar a modernidade e essa cosmovisão oriunda da globalização, Kepel destaca o papel dos movimentos religiosos diante de tais circunstâncias.

Los movimientos religiosos de hoy no tiene por meta a corto plazo la toma del poder y la transformación revolucionaria de la sociedad: algunos llaman a constituir aquí y ahora comunidades de verdaderos creyentes que rompan de lleno con los usos mundanos e pongan cotidianamente en práctica los preceptos del dogma e las exhortaciones del Espíritu Santo (KEPEL, 1995, p. 19).

Dentro do catolicismo esses movimentos religiosos se renovam e atraí uma camada considerável da juventude, por exemplo, os carismáticos:

Los carismáticos han sabido hacerse numerosos adeptos entre los jóvenes y las capas educadas de Occidente, construyendo una identidad estrictamente católica de fronteras explícitas y un proselitismo claramente asumido (KEPEL, 1995, p. 22).

E ao arrebanhar um público jovem, os movimentos proporcionam um arregimentar-se de novos ideais, pois com um público diferente tanto na idade, quanto na escolaridade, os questionamentos e a cosmovisão da sociedade também são discutidos e debatidos:

Los adeptos y militantes de los movimientos religiosos contemporáneos, por ejemplo, no se reclutan principalmente en las capas obscurantistas de la población (analfabetos, ancianos, campesinos y otros); entre ellos hay una notable proporción de graduados del sistema educativo secular, jóvenes o no tanto, con una marcada propensión a las disciplinas técnicas (KEPEL, 1995, p. 17).

Os dados do Censo solidifica uma tendência presente nos últimos anos no campo religioso brasileiro.

O país está se transformando, de verdade, numa sociedade livre, com uma cultura cada vez mais plural. A depender só do Estado brasileiro, hoje se respira no país liberdade religiosa a plenos pulmões, como nunca – e não só de direito, de *jure*, como no início da vida republicana, mas também de *facto*. E as pessoas, nesse clima de descompressão, podem ir e lá vão elas, mudando de religião, à vontade. Vão, como diz Gilles Deleuze, diferindo em suas adesões religiosas (PIERUCCI, 2004, p. 15).

Contudo, apesar do declínio considerável, o catolicismo continua sendo a religião a *priori* com o maior número de seguidores, ao mesmo tempo, as ofertas religiosas eclodiram e hoje já podemos contatar uma breve, ainda que crescente pluralidade religiosa.

O censo de 2000 não está dizendo mais nada além de que o Brasil está mudando de modo contínuo, tornando-se menos tradicional em termos religiosos. Mesmo assim, o Brasil adentra o século XXI com 125 milhões de católicos declarados entre 170 milhões de habitantes (PIERUCCI, 2004, p. 16).

## Conclusão

Quando lembramos de que vivemos em um país de tradição histórica religiosa, ou seja, junto com as caravelas ou intrínseco a elas, a religião atracou em nossa terra (SOUZA, 2009), logo emerge o lidar da vivência religiosa na prática cotidiana da vida? Não necessariamente, pelo menos, o Censo aponta para esta via.

Os dados relativos ao Censo 2000 evidencia uma pluralidade no campo religioso brasileiro, ao mesmo tempo, demonstra as dificuldades das instituições religiosas em conciliar doutrina, teologia e vida. Talvez seja a falta desta conciliação vivencial, uma das barreiras enfrentadas pelas instituições na sociedade hodierna.

No entanto, mesmo que o peso do sagrado tenha caído na vida social, permaneceu seu arquétipo na mente humana (ACQUAVIVA *apud* LEMOS, 2013) <sup>86</sup>. Os dados do censo servem para demonstrar o quadro religioso brasileiro, seus desafios e suas intempéries, ao mesmo tempo, o censo denota mudanças e transformações no vivenciar de uma cultura cada vez mais pluralista pelo povo brasileiro, cabe aos pesquisadores da religião no Brasil uma contínua investigação dos resultados dessas alterações a curto, médio e longo prazo para a sociedade *modus operandi*.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRITO, Ênio José da Costa. Agonia de um modelo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis e São Paulo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIÉRREZ, Benjamín F. **Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina – Um Desafio às Igrejas Históricas**. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao\\_Censo2000.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf). Acesso em: 27 mai. 2013.
- KEPEL, Gilles. **La revanche de Dios**. Salamanca: Anaya e Mario Muchnik, 1995.
- LEMOS, Carolina Teles. **Aula expositiva 18/06/2013**, na PUC-GO, texto não publicado.
- ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: **Globalização e religião**. ORO, A. P.; STEIL, C. A. (orgs.). Petrópolis: Vozes, 1997.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.

---

<sup>86</sup>. LEMOS, Carolina Teles. Aula expositiva 18/06/2013, na PUC-GO, texto não publicado.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo  
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial  
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

---

PRANDI, Reginaldo. A Religião do Planeta Global. In: **Globalização e religião**. ORO, A. P.; STEIL, C. A. (orgs.). Petrópolis: Vozes, 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. O catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de santa cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004.